



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Experiência Internacional: subversão ou submissão? Oscar Vilhena Vieira

A experiência internacional se apresenta hoje como indispensável em muitos setores do mercado e até mesmo da academia. Esta não é uma tendência apenas brasileira. Se vislumbrarmos os programas transnacionais de pós-graduação que surgiram na Europa na última década e a força de atração que as universidades americanas têm exercido sobre todo o mundo, teremos a exata dimensão de que as elites nacionais buscam reforçar suas posições por algum tipo de reconhecimento externo.

Essa corrida para os países centrais, em busca de melhores condições de ensino, sem dúvida é benéfica para muitos como a abertura de perspectivas, conjugação de novas gramáticas de pensamento e acesso a um novo arcabouço de informações. A própria solidão e a inexistência de expectativas por parte de nossos amigos e familiares, que marcam nossa vida doméstica, abrem a possibilidade de que nos reinventemos existencialmente.

No entanto, esse processo de busca de conhecimento na metrópole pode guardar inúmeros riscos. A falta de maturidade com que muitos estudantes zarpam para o exterior os transforma em presas fáceis de movimentos e propostas intelectuais dissonantes com as demandas e necessidades de seus países. Por outro lado, o conforto e as facilidades acadêmicas de uma boa universidade do Norte geram uma impaciência e, não poucas vezes, desprezo em relação às escolas e ambientes acadêmicos de origem.

Assim, no contrapé da experiência no exterior como mecanismo de crescimento, abertura e quebra de paradigmas, corre-se o risco de se reforçar relações de submissão intelectual, por intermédio da incorporação acrítica e irrefletida da linguagem do colonizador.

Neste sentido, muitos são os cuidados que devemos ter ao pensar que tipo de experiência internacional estamos viabilizando para nossos estudantes. Um destes cuidados é viabilizar experiências internacionais dentro de nossas próprias escolas, como forma de desmistificação e consolidação de uma consciência crítica. Isto permitiria que a jornada no exterior fosse mais desafiadora e intelectualmente produtiva. Onde o contato com o outro favorecesse o repensar a si e não um mero processo de assimilação subordinada.

Por intermédio do *Colóquio Internacional de Direitos Humanos*, a PUC-SP, em colaboração com a USP e a Universidade de Colúmbia (EUA), tem proposto o estabelecimento de novas rotas de intercâmbio internacional. Ao invés do tradicional circuito "Elizabeth Arden", pelo qual as elites sulistas buscam Paris, Nova York ou Londres, está se trabalhando no sentido das relações Sul-Sul, com acadêmicos e militantes de direitos humanos das diversas partes do hemisfério Sul – do Timor do Leste ao Peru, passando por Angola e Moçambique –, que convergem para São Paulo, por um prazo de duas semanas, para uma troca intensa e não hierarquizada de experiências. Nestes três anos de experiência do Colóquio, tem sido surpreendente o impacto que este inusitado ambiente internacional de diálogo tem exercido, não apenas sobre os jovens participantes do programa, mas sobre todos nós, professores e militantes de direitos humanos.



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Este é apenas um exemplo de programa internacional que está mais para subversão do que para submissão. Mais para construção de um diálogo ético e cosmopolita, do que para turismo acadêmico destinado aos filhos da elite. A PUC-SP, liderada pela Reitoria e com grande contribuição da ARII, tem tomado a dianteira neste processo. Este, nos parece, é um caminho que vale a pena seguir.

Oscar Vilhena Vieira

Professor da Faculdade de Direito da PUC-SP

Diretor-Executivo da Conectas Direitos Humanos Internacional

Artigo publicado no Boletim **Rede Internacional nº 36**, 11/02